

O Livro dos Espíritos



Allan Kardec

**LIVRO II – Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos
CAPÍTULO XI – Os Três Reinos**

Índice

Assunto	Origem	Pagina
Os Minerais e as Plantas	O Livro dos Espíritos	03
Os quatro reinos da Natureza	O Consolador	05
Os animais e o homem	O Livro dos Espíritos	07
A transição intelecto-moral do animal ao homem	O Consolador	12
Metempsicose	O Livro dos Espíritos	14
O Espiritismo e a Metempsicose	O Consolador	16

Livro segundo – Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos
Capítulo XI – Os Três Reinos

I – Os Minerais e as Plantas

585. Que pensais da divisão da Natureza em três reinos, ou melhor, em duas classes: a dos seres orgânicos e a dos inorgânicos? Segundo alguns, a espécie humana forma uma quarta classe. Qual destas divisões é preferível?

“Todas são boas, conforme o ponto de vista. Do ponto de vista material, apenas há seres orgânicos e inorgânicos.

Do ponto de vista moral, há evidentemente quatro graus.”

Esses quatro graus apresentam, com efeito, caracteres determinados, muito embora pareçam confundir-se nos seus limites extremos. A matéria inerte, que constitui o reino mineral, só tem em si uma força mecânica. As plantas, ainda que compostas de matéria inerte, são dotadas de vitalidade. Os animais, também compostos de matéria inerte e igualmente dotados de vitalidade, possuem, além disso, uma espécie de inteligência instintiva, limitada, e a consciência de sua existência e de suas individualidades.

O homem, tendo tudo o que há nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes por uma inteligência especial, indefinida, que lhe dá a consciência do seu futuro, a percepção das coisas extramateriais e o conhecimento de Deus.

586. Têm as plantas consciência de que existem?

“Não, pois que não pensam; só têm vida orgânica.”

587. Experimentam sensações? Sofrem quando as mutilam?

“Recebem impressões físicas que atuam sobre a matéria, mas não têm percepções. Consequentemente, não têm a sensação da dor.”

588. Independe da vontade delas a força que as atrai umas para as outras?

“Certo, porquanto não pensam. É uma força mecânica da matéria, que atua sobre a matéria, sem que elas possam a isso opor-se.”

589. Algumas plantas, como a sensitiva e a dioneia, por exemplo, executam movimentos que denotam grande sensibilidade e, em certos casos, uma espécie de vontade, conforme se observa na segunda, cujos lóbulos apanham a mosca que sobre ela pousa para sugá-la, parecendo que urde uma armadilha com o fim de capturar e matar aquele inseto. São dotadas essas plantas da faculdade de pensar? Têm vontade e formam uma classe intermediária entre a Natureza vegetal e a Natureza animal? Constituem a transição de uma para outra?

“Tudo em a Natureza é transição, por isso mesmo que uma coisa não se assemelha a outra e, no entanto, todas se prendem umas às outras. As plantas não pensam; por conseguinte carecem de vontade. Nem a ostra que se abre, nem os zoófitos pensam: têm apenas um instinto cego e natural.”

O organismo humano nos proporciona exemplo de movimentos análogos, sem participação da vontade, nas funções digestivas e circulatórias. O piloro se contrai, ao contacto de certos corpos, para lhes negar passagem. O mesmo provavelmente se dá na sensitiva, cujos movimentos de nenhum modo implicam a necessidade de percepção e, ainda menos, da vontade.

590. Não haverá nas plantas, como nos animais, um instinto de conservação, que as induza a procurar o que lhes possa ser útil e a evitar o que lhes possa ser nocivo?

“Há, se quiserdes, uma espécie de instinto, dependendo isso da extensão que se dê ao significado desta palavra.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo XI)

É, porém, um instinto puramente mecânico. Quando, nas operações químicas, observais que dois corpos se reúnem, é que um ao outro convém; quer dizer: é que há entre eles afinidade. Ora, a isto não dais o nome de instinto.”

591. Nos mundos superiores, as plantas são de natureza mais perfeita, como os outros seres?
“Tudo é mais perfeito. As plantas, porém, são sempre plantas, como os animais sempre animais e os homens sempre homens.”

Os quatro reinos da natureza

A característica do reino mineral é a ausência de vida

1. Observando os seres da Natureza, os naturalistas os classificaram em três reinos: mineral, vegetal e animal. Neste último incluíram também o homem, considerando-o apenas do ponto de vista físico, isto é, somente em seu corpo material, que é, efetivamente, em tudo semelhante aos dos animais superiores. Considerado, no entanto, em sua integralidade, o homem distingue-se de todos os outros seres pela sua inteligência e racionalidade. Ele se destaca, pois, dos animais por qualidades que não pertencem à matéria e que constituem atributos do Espírito. Existiria, então, na Natureza um quarto reino: o hominal.

2. A distinção entre os seres da Natureza é de tal modo intuitiva que desde muito entrou no entendimento humano. Contudo, observando-se os seres mais simples dos extremos das três séries naturais, somos obrigados a reconhecer formas de transição tão sutis que é difícil determinar, dentre elas, qual a classificação exata a que pertençam.

3. Há, no entanto, um caráter distintivo entre os minerais e os dos outros grupos, que nenhuma dúvida oferece ao analista: é a ausência de vida nos minerais e a presença dela nos vegetais e nos animais. Por isso, prefere-se um outro tipo de classificação que considera, de um lado, os minerais constituindo os seres brutos ou inorgânicos, e de outro, os vegetais e animais compondo o grupo dos seres vivos ou orgânicos.

4. A presença da vida traduz-se nos seres orgânicos pela organização celular da matéria de seus corpos e o correspondente aparecimento das funções de nutrição e reprodução. Há muitos seres constituídos de uma única célula (1), como os protófitos, entre os vegetais, e os protozoários, entre os animais. Nos seres evoluídos, as células se reúnem em tecidos, os tecidos em órgãos e estes em sistemas e aparelhos orgânicos.

Os animais demonstram possuir certo grau de inteligência

5. Respondendo à pergunta 585 d'O Livro dos Espíritos, acerca da divisão da Natureza em três reinos, os Espíritos disseram que do ponto de vista material há apenas seres orgânicos e inorgânicos, mas do ponto de vista moral existem evidentemente quatro graus: minerais, vegetais, animais e a espécie humana.

6. Os seres que formam o reino mineral só manifestam uma força mecânica, que decorre unicamente da matéria de que são formados. Faltam-lhes inteligência e vontade. Tais seres não revelam nem mesmos instintos, o que mostra que, se neles existe algum princípio diferente da matéria, está ele completamente, abafado, dormente, em total estado de latência e inatividade.

7. Os seres que formam o reino vegetal, igualmente até certo ponto, inertes e brutos, não têm inteligência nem vontade ativa, mas apresentam o movimento interior da vida e realizam um completo ciclo vital: nascem, crescem, nutrem-se, desenvolvem-se, reproduzem-se, definham e morrem. É que, além da matéria densa, são dotados do princípio vital, de que deriva essa força prodigiosa que lhes comunica a vida. Esses seres não revelam, porém, consciência alguma de sua existência, não sentem prazeres ou dores, não têm percepções e sentimentos. Só possuem vida orgânica, que lhes é comunicada por sua união com o princípio vital.

8. Os seres que formam o reino animal vivem como os vegetais, mas apresentam movimento e sensações que os vegetais não têm, observando-se, no tocante aos animais superiores, que seus movimentos são livres e obedecem nitidamente à vontade, o que revela que possuem certo grau

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo XI)

de inteligência. Prevalece, contudo, no animal o instinto – sua inteligência não lhe dá inteira capacidade de raciocinar.

O livre-arbítrio é apanágio da espécie humana

9. O homem, pelo seu corpo material, se assemelha aos animais, mas deles se distingue totalmente por sua natureza espiritual, por sua alma, que lhe confere razão e senso moral. Dizem os Espíritos Superiores que é muito grande a distância que existe entre a alma do homem e a alma dos animais. No homem vibra, como ser essencial, um Espírito consciente, livre e responsável, destinado a realizar na sua plenitude a pureza, a justiça, o amor e a caridade.

10. O corpo do homem se destrói, como o dos animais, mas ao seu Espírito está assinado um destino que só ele pode compreender, porque só ele é inteiramente livre. O livre-arbítrio é, como sabemos, apanágio da espécie humana. Há, ainda, outra diferença importante entre o animal e o homem: após a morte do corpo físico, a alma do animal conserva a sua individualidade, mas não a consciência do seu eu, e a vida inteligente lhe permanece em estado latente.

11. A alma do animal – ensina o Espiritismo – fica, depois da morte de seu corpo físico, numa espécie de erraticidade, visto que não mais se acha unida ao corpo, mas não é considerada um Espírito errante, denominação que somente se aplica ao Espírito humano, que pode pensar e obrar por sua livre vontade.

12. De idêntica faculdade não dispõem os animais. Depois da morte corpórea, a alma dos animais é classificada pelos Espíritos incumbidos dessa tarefa e utilizada quase imediatamente.

(1) Em biologia, chama-se célula à unidade estrutural e funcional, básica dos seres vivos, composta de numerosas partes, sendo as principais a membrana, o citoplasma e o núcleo. O vocábulo aplica-se também à designação da menor unidade de matéria viva que pode existir de maneira independente, e ser capaz de reproduzir-se. Uma bactéria, por exemplo, é um micro-organismo unicelular, desprovido de núcleo individualizado, pertencente ao grupo que abrange todos os organismos procariotos (organismos formados por uma única célula desprovida de membrana nuclear), à exceção das cianofíceas (classe de algas unicelulares ou filamentosas de estrutura simples, cujos pigmentos verde-azulados decorrem da ausência de cloroplasto; algas azuis, cianobactérias).

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (itens 585 a 600.)

Kardec Allan, A Gênese, (item 29.)

II – Os Animais e o Homem

592. Se, pelo que toca à inteligência, comparamos o homem e os animais, parece difícil estabelecer-se uma linha de demarcação entre aquele e estes, porquanto alguns animais mostram, sob esse aspecto, notória superioridade sobre certos homens. Pode essa linha de demarcação ser estabelecida de modo preciso?

“A este respeito é completo o desacordo entre os vossos filósofos. Querem uns que o homem seja um animal e outros que o animal seja um homem. Estão todos em erro.

O homem é um ser à parte, que desce muito baixo algumas vezes e que pode também elevar-se muito alto. Pelo físico, é como os animais e menos bem-dotado do que muitos destes.

A Natureza lhes deu tudo o que o homem é obrigado a inventar com a sua inteligência, para satisfação de suas necessidades e para sua conservação. Seu corpo se destrói, como o dos animais, é certo, mas ao seu Espírito está assinado um destino que só ele pode compreender, porque só ele é inteiramente livre. Pobres homens, que vos rebaixais mais do que os brutos! não sabeis distinguir-vos deles?

Reconheci o homem pela faculdade de pensar em Deus.”

593. Poder-se-á dizer que os animais só obram por instinto?

“Ainda aí há um sistema. É verdade que na maioria dos animais domina o instinto. Mas, não vêes que muitos obram denotando acentuada vontade? É que têm inteligência, porém limitada.”

Não se poderia negar que, além de possuírem o instinto, alguns animais praticam atos combinados, que denunciam vontade de operar em determinado sentido e de acordo com as circunstâncias.

Há, pois, neles, uma espécie de inteligência, mas cujo exercício quase que se circunscreve à utilização dos meios de satisfazerem às suas necessidades físicas e de proverem à conservação própria. Nada, porém, criam, nem melhora alguma realizam. Qualquer que seja a arte com que executem seus trabalhos, fazem hoje o que faziam outrora e o fazem, nem melhor, nem pior, segundo formas e proporções constantes e invariáveis.

A cria, separada dos de sua espécie, não deixa por isso de construir o seu ninho de perfeita conformidade com os seus maiores, sem que tenha recebido nenhum ensino. O desenvolvimento intelectual de alguns, que se mostram suscetíveis de certa educação, desenvolvimento, aliás, que não pode ultrapassar acanhados limites, é devido à ação do homem sobre uma natureza maleável, porquanto não há aí progresso que lhe seja próprio.

Mesmo o progresso que realizam pela ação do homem é efêmero e puramente individual, visto que, entregue a si mesmo, não tarda que o animal volte a encerrar-se nos limites que lhe traçou a Natureza.

594. Têm os animais alguma linguagem?

“Se vos referis a uma linguagem formada de sílabas e palavras, não. Meio, porém, de se comunicarem entre si, têm. Dizem uns aos outros muito mais coisas do que imaginais. Mas, essa mesma linguagem de que dispõem é restrita às necessidades, como restritas também são as idéias que podem ter.”

a) — Há, entretanto, animais que carecem de voz. Esses parece que nenhuma linguagem usam, não?

“Compreendem-se por outros meios. Para vos comunicardes reciprocamente, vós outros, homens, só dispões da palavra? E os mudos? Facultada lhes sendo a vida de relação, os animais possuem meios de se prevenirem e de exprimirem as sensações que experimentam. Pensais que os peixes não se entendem entre si? O homem não goza do privilégio exclusivo da linguagem. Porém, a dos animais é instintiva e circunscrita pelas suas necessidades e idéias, ao passo que a do homem é perfectível e se presta a todas as concepções da sua inteligência.”

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo XI)

Efetivamente, os peixes que, como as andorinhas, emigram em cardumes, obedientes ao guia que os conduz, devem ter meios de se advertirem, de se entenderem e combinarem. É possível que disponham de uma vista mais penetrante e esta lhes permita perceber os sinais que mutuamente façam. Pode ser também que tenham na água um veículo próprio para a transmissão de certas vibrações. Como quer que seja, o que é incontestável é que lhes não falecem meios de se entenderem, do mesmo modo que a todos os animais carentes de voz e que, não obstante, trabalham em comum. Diante disso, que admiração pode causar que os Espíritos entre si se comuniquem sem o auxílio da palavra articulada?

595. Gozam de livre-arbítrio os animais, para a prática dos seus atos?

“Os animais não são simples máquinas, como supondes.

Contudo, a liberdade de ação, de que desfrutam, é limitada pelas suas necessidades e não se pode comparar à do homem. Sendo muitíssimo, inferiores a este, não têm os mesmos deveres que ele. A liberdade, possuem-na restrita aos atos da vida material.”

596. Donde procede a aptidão que certos animais denotam para imitar a linguagem do homem e por que essa aptidão se revela mais nas aves do que no macaco, por exemplo, cuja conformação apresenta mais analogia com a humana?

“Origina-se de uma particular conformação dos órgãos vocais, reforçada pelo instinto de imitação. O macaco imita os gestos; algumas aves imitam a voz.”

597. Pois que os animais possuem uma inteligência que lhes faculta certa liberdade de ação, haverá neles algum princípio independente da matéria?

“Há e que sobrevive ao corpo.”

a) — Será esse princípio uma alma semelhante à do homem?

“É também uma alma, se quiserdes, dependendo isto do sentido que se der a esta palavra. É, porém, inferior à do homem. Há entre a alma dos animais e a do homem distância equivalente à que medeia entre a alma do homem e Deus.”

598. Após a morte, conserva a alma dos animais a sua individualidade e a consciência de si mesma?

“Conserva sua individualidade; quanto à consciência do seu eu, não. A vida inteligente lhe permanece em estado latente.”

599. À alma dos animais é dado escolher a espécie de animal em que encarne?

“Não, pois que lhe falta livre-arbítrio.”

600. Sobrevivendo ao corpo em que habitou, a alma do animal vem a achar-se, depois da morte, num estado de erraticidade, como a do homem?

“Fica numa espécie de erraticidade, pois que não mais se acha unida ao corpo, mas não é um Espírito errante. O Espírito errante é um ser que pensa e obra por sua livre vontade. De idêntica faculdade não dispõe o dos animais.

A consciência de si mesmo é o que constitui o principal atributo do Espírito. O do animal, depois da morte, é classificado pelos Espíritos a quem incumbe essa tarefa e utilizado quase imediatamente. Não lhe é dado tempo de entrar em relação com outras criaturas.”

601. Os animais estão sujeitos, como o homem, a uma lei progressiva?

“Sim; e daí vem que nos mundos superiores, onde os homens são mais adiantados, os animais também o são, dispondo de meios mais amplos de comunicação. São sempre, porém, inferiores ao homem e se lhe acham submetidos, tendo neles o homem servidores inteligentes.”

Nada há nisso de extraordinário. Tomemos os nossos mais inteligentes animais, o cão, o elefante, o cavalo, e imaginemo-los dotados de uma conformação apropriada a trabalhos manuais.

Que não fariam sob a direção do homem?

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo XI)

602. Os animais progridem, como o homem, por ato da própria vontade, ou pela força das coisas?
“Pela força das coisas, razão por que não estão sujeitos à expiação.”

603. Nos mundos superiores, os animais conhecem a Deus?

“Não. Para eles o homem é um deus, como outrora os Espíritos eram deuses para o homem.”

604. Pois que os animais, mesmo os aperfeiçoados, existentes nos mundos superiores, são sempre inferiores ao homem, segue-se que Deus criou seres intelectuais perpetuamente destinados à inferioridade, o que parece em desacordo com a unidade de vistas e de progresso que todas as suas obras revelam.

“Tudo em a Natureza se encadeia por elos que ainda não podeis apreender. Assim, as coisas aparentemente mais díspares têm pontos de contacto que o homem, no seu estado atual, nunca chegará a compreender. Por um esforço da inteligência poderá entrevê-los; mas, somente quando essa inteligência estiver no máximo grau de desenvolvimento e liberta dos preconceitos do orgulho e da ignorância, logrará ver claro na obra de Deus. Até lá, suas muito restritas idéias lhe farão observar as coisas por um mesquinho e acanhado prisma. Sabei não ser possível que Deus se contradiga e que, na Natureza, tudo se harmoniza mediante leis gerais, que por nenhum de seus pontos deixam de corresponder à sublime sabedoria do Criador.”

a) — A inteligência é então uma propriedade comum, um ponto de contacto entre a alma dos animais e a do homem?

“É, porém os animais só possuem a inteligência da vida material. No homem, a inteligência proporciona a vida moral.”

605. Considerando-se todos os pontos de contacto que existem entre o homem e os animais, não seria lícito pensar que o homem possui duas almas: a alma animal e a alma espírita e que, se esta última não existisse, só como o bruto poderia ele viver? Por outra: que o animal é um ser semelhante ao homem, tendo de menos a alma espírita? Dessa maneira de ver resultaria serem os bons e os maus instintos do homem efeito da predominância de uma ou outra dessas almas?

“Não, o homem não tem duas almas. O corpo, porém, tem seus instintos, resultantes da sensação peculiar aos órgãos. Dupla, no homem, só é a natureza. Há nele a natureza animal e a natureza espiritual. Participa, pelo seu corpo, da natureza dos animais e de seus instintos. Por sua alma, participa da dos Espíritos.”

a) — De modo que, além de suas próprias imperfeições de que cumpre ao Espírito despojar-se, tem ainda o homem que lutar contra a influência da matéria?

“Quanto mais inferior é o Espírito, tanto mais apertados são os laços que o ligam à matéria. Não o vedes? O homem não tem duas almas; a alma é sempre única em cada ser. São distintas uma da outra a alma do animal e a do homem, a tal ponto que a de um não pode animar o corpo criado para o outro. Mas, conquanto não tenha alma animal, que, por suas paixões, o nivele aos animais, o homem tem o corpo que, às vezes, o rebaixa até ao nível deles, por isso que o corpo é um ser dotado de vitalidade e de instintos, porém ininteligentes estes e restritos ao cuidado que a sua conservação requer.”

Encarnando no corpo do homem, o Espírito lhe traz o princípio intelectual e moral, que o torna superior aos animais. As duas naturezas nele existentes dão às suas paixões duas origens diferentes: umas provêm dos instintos da natureza animal, provindo as outras das impurezas do Espírito, de cuja encarnação é ele a imagem e que mais ou menos simpatiza com a grosseria dos apetites animais. Purificando-se, o Espírito se liberta pouco a pouco da influência da matéria. Sob essa influência, aproxima-se do bruto. Isento dela, eleva-se à sua verdadeira destinação.

606. Donde tiram os animais o princípio inteligente que constitui a alma de natureza especial de que são dotados?

“Do elemento inteligente universal.”

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo XI)

a) — Então, emanam de um único princípio a inteligência do homem e a dos animais?

“Sem dúvida alguma, porém, no homem, passou por uma elaboração que a coloca acima da que existe no animal.”

607. Dissestes (190) que o estado da alma do homem, na sua origem, corresponde ao estado da infância na vida corporal, que sua inteligência apenas desabrocha e se ensaia para a vida. Onde passa o Espírito essa primeira fase do seu desenvolvimento?

“Numa série de existências que precedem o período a que chamais Humanidade.”

a) — Parece que, assim, se pode considerar a alma como tendo sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação, não?

“Já não dissemos que tudo em a Natureza se encadeia e tende para a unidade? Nesses seres, cuja totalidade estais longe de conhecer, é que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida, conforme acabamos de dizer. É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito.

Entra então no período da humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos.

Assim, à fase da infância se segue a da adolescência, vindo depois a da juventude e da maturidade. Nessa origem, coisa alguma há de humilhante para o homem. Sentir-se-ão humilhados os grandes gênios por terem sido fetos informes nas entranhas que os geraram? Se alguma coisa há que lhe seja humilhante, é a sua inferioridade perante Deus e sua impotência para lhe sondar a profundidade dos desígnios e para apreciar a sabedoria das leis que regem a harmonia do Universo. Reconheci a grandeza de Deus nessa admirável harmonia, mediante a qual tudo é solidário na Natureza.

Acreditar que Deus haja feito, seja o que for, sem um fim, e criado seres inteligentes sem futuro, fora blasfemar da sua bondade, que se estende por sobre todas as suas criaturas.”

b) — Esse período de humanização principia na Terra?

“A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana. O período da humanização começa, geralmente, em mundos ainda inferiores à Terra. Isto, entretanto, não constitui regra absoluta, pois pode suceder que um Espírito, desde o seu início humano, esteja apto a viver na Terra. Não é frequente o caso; constitui antes uma exceção.”

608. O Espírito do homem tem, após a morte, consciência de suas existências anteriores ao período de humanidade?

“Não, pois não é desse período que começa a sua vida de Espírito. Difícil é mesmo que se lembre de suas primeiras existências humanas, como difícil é que o homem se lembre dos primeiros tempos de sua infância e ainda menos do tempo que passou no seio materno. Essa a razão por que os Espíritos dizem que não sabem como começaram.”

609. Uma vez no período da humanidade, conserva o Espírito traços do que era precedentemente, quer dizer: do estado em que se achava no período a que se poderia chamar ante humano?

“Conforme a distância que medeia entre os dois períodos e o progresso realizado. Durante algumas gerações, pode ele conservar vestígios mais ou menos pronunciados do estado primitivo, porquanto nada se opera na Natureza por brusca transição. Há sempre anéis que ligam as extremidades da cadeia dos seres e dos acontecimentos. Aqueles vestígios, porém, se apagam com o desenvolvimento do livre-arbítrio. Os primeiros progressos só muito lentamente se efetuam, porque ainda não têm a secundá-los a vontade.

Vão em progressão mais rápida, à medida que o Espírito adquire mais perfeita consciência de si mesmo.”

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo XI)

610. Ter-se-ão enganado os Espíritos que disseram constituir o homem um ser à parte na ordem da criação?

“Não, mas a questão não fora desenvolvida. Demais, há coisas que só a seu tempo podem ser esclarecidas. O homem é, com efeito, um ser à parte, visto possuir faculdades que o distinguem de todos os outros e ter outro destino.

A espécie humana é a que Deus escolheu para a encarnação dos seres que podem conhecê-lo.”

Crônicas e Artigos

177 – 26/09/2010

O Consolador – (Wilson Czerski)

A transição intelecto-moral dos animais ao homem

II. Os animais e o homem

Que os animais, especialmente algumas espécies, apresentam rudimentos de inteligência, não é novidade. Disto temos muitos exemplos. O surpreendente é a constatação de que alguns deles possuem algo como um certo senso moral. A revelação está numa matéria da Revista Veja, edição 2001, de 28 de março de 2007, e tem por base, principalmente, o livro “Primatas e Filósofos: Como a Moralidade Evoluiu”, do biólogo holandês Frans de Waal.

Os chimpanzés não sabem nadar, mas se arriscam nos tanques dos zoológicos na tentativa de salvar seus companheiros em apuros. Os macacos rhesus – de onde provém a classificação sanguínea em Rh + e negativo –, experimentados na situação de ter que puxar uma corrente que dava choques elétricos nos vizinhos para obter comida, preferiram passar fome.

Destas e outras observações resulta que a moral e a ética parecem não ser exclusivas do ser humano. Segundo a filosofia, elas são produto da inteligência e da razão e, em geral, têm-se os animais como irracionais. Mas há quem pense que na evolução de certas espécies, as mais próximas do homem tenham-nas, na verdade, já gravadas no próprio DNA.

Na questão 593 de O Livro dos Espíritos, os benfeitores espirituais esclarecem que nos animais há mais do que simplesmente instintos. Há neles certa inteligência incipiente ou limitada. E para não deixar dúvidas, na 597, informam que esta inteligência capaz de, em pequeno grau, atenuar o determinismo biológico, dando-lhes um pouco de liberdade de ação e expressão de vontade íntima, sobrevive ao corpo físico. Não é, ainda, propriamente, um Espírito, alma humana encarnada, mas o princípio inteligente que faz parte da cadeia evolutiva referida na questão 540 (do átomo ao arcanjo).

Todos os seres animados são destinados à perfeição e todos partem do mesmo ponto, mas nem todos ao mesmo tempo, porque Deus está sempre criando. Hoje, milhões ou bilhões já atingiram esta perfeição relativa e vivem em mundos mais evoluídos. Outros estão nos primeiros estágios, talvez nos vírus, nas amebas ou outros elementos desconhecidos nossos. O homem está, por assim dizer, no meio do caminho. Já deixou para trás – a maioria deles – o primitivismo do puro instinto, já desenvolveu faculdades intelectuais e morais, além do sentimento. Muito ainda há que percorrer e melhorar para atingir os níveis superiores.

Por sua vez os animais estão um degrau abaixo. São governados pelo instinto, mas, nas espécies superiores, seu princípio inteligente está próximo do momento de receber a oportunidade de reencarnar como humanos primitivos, quer aqui na Terra ou em outros planetas apropriados.

Nesta fase final de ciclo, ao atingir o limiar da humanidade, já possuem, além dos rudimentos da inteligência, esboços de sentimentos peculiares ao estágio seguinte. Isto porque, embora quase nunca o aperfeiçoamento intelectual seja acompanhado pelo moral, nem por isso ambos deixem de representar as vias mais características de progresso do espírito humano. Numa reencarnação, o indivíduo pode se destacar mais no campo das ciências; na outra pode optar ou ser “conduzido” a trabalhar mais as artes, o humanismo, as emoções.

Então, nos animais, ao mesmo tempo em que percebemos, aqui ou acolá, claras manifestações de inteligência “quase humana”, é de se esperar que também desponham exteriorizações que denotem um certo senso ético, não só entre os de sua espécie, como em relação a outros animais e ao próprio homem.

Quando vemos o papagaio cinza do Congo (*Psittacus erithacus*), estudado na Universidade do Arizona pela Dra. Irene Maxine Pepperberg, demonstrar capacidade linguística de uma criança de dois anos e raciocínio para solução de problemas para o nível de uma criança de quatro anos e

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo XI)

que reconhece cores, domina conceitos abstratos como quantidade, dimensões e posições de objetos, trata-se, indiscutivelmente, de talento intelectual.

Mas quando presenciamos cenas como as citadas em Veja ou de uma cadela amamentando um porquinho, uma cobra convivendo pacificamente com um rato e outras tantas variações e, principalmente, quadros comoventes envolvendo as relações de certos animais com os homens, difícil duvidar de que ali esteja presente apenas um instinto cego. Nem mesmo a domesticação de exemplares selvagens, o amestramento ou a busca interesseira por proteção e alimentos explicam todas as ocorrências.

Esta transição animal-homem talvez esteja representada fisiologicamente no número de conexões neuronais com que os animais nascem. Nas últimas décadas, pesquisas levadas a efeito pela neurociência e a etologia (ciência do comportamento) evidenciam certa relação na formação do sistema nervoso dos animais, em particular, do cérebro.

Os animais inferiores nascem com número maior de conexões entre os neurônios. Ou seja, apresentam menor flexibilidade de aprendizado. Praticamente seu comportamento futuro já está ali selado, como fruto de uma programação prévia. Predominam totalmente os instintos da respectiva espécie. São quase incapazes de apresentar progressos significativos durante a vida.

Ao contrário, nos animais superiores, o número de conexões é baixo e aumentará gradativamente a partir dos estímulos que receber do ambiente (natureza) e da socialização com outros indivíduos e com o homem. No caso dos répteis, 98% das conexões do animal adulto são as mesmas que nos recém-nascidos, enquanto que nos cães este percentual cai para 75%. É o que poderíamos chamar de novos espaços cedidos ou conquistados ao implacável determinismo biológico pelo livre-arbítrio nascente e libertador que desabrochará por inteiro no futuro ser humano.

Uma última reflexão. Comparando várias virtudes dos nossos “irmãos menores”, no dizer do mentor Emmanuel, como fidelidade, paciência, dedicação, doçura, desprendimento etc. e os muitos vícios dos humanos, com infeliz destaque para a violência que assola nossos grandes centros urbanos, fica a dúvida: o que é preferível: os animais “quase-humanos” ou os homens “quase-animais”?

III – Metempsicose

611. O terem os seres vivos uma origem comum no princípio inteligente não é a consagração da doutrina da Metempsicose?

“Duas coisas podem ter a mesma origem e absolutamente não se assemelham mais tarde. Quem reconheceria a árvore, com suas folhas, flores e frutos, no germen informe que se contém na semente donde ela surge? Desde que o princípio inteligente atinge o grau necessário para ser Espírito e entrar no período da humanização, já não guarda relação com o seu estado primitivo e já não é a alma dos animais, como a árvore já não é a semente. De animal só há no homem o corpo e as paixões que nascem da influência do corpo e do instinto de conservação inerente à matéria. Não se pode, pois, dizer que tal homem é a encarnação do Espírito de tal animal. Conseqüentemente, a metempsicose, como a entendem, não é verdadeira.”

612. Poderia encarnar num animal o Espírito que animou o corpo de um homem?

“Isso seria retrogradar e o Espírito não retrógrada. O rio não remonta à sua nascente.” (118)

613. Embora de todo errônea, a idéia ligada à metempsicose não terá resultado do sentimento intuitivo que o homem possui de suas diferentes existências?

“Nessa, como em muitas outras crenças, se depara esse sentimento intuitivo. O homem, porém, o desnaturou, como costuma fazer com a maioria de suas idéias intuitivas.”

Seria verdadeira a metempsicose, se indicasse a progressão da alma, passando de um estado inferior a outro superior, onde adquirisse desenvolvimentos que lhe transformassem a natureza.

É, porém, falsa no sentido de transmigração direta da alma do animal para o homem e reciprocamente, o que implicaria a idéia de uma retrogradação, ou de fusão. Ora, o fato de não poder semelhante fusão operar-se, entre os seres corporais das duas espécies, mostra que estas são de graus inassimiláveis, devendo dar-se o mesmo com relação aos Espíritos que as animam. Se um mesmo Espírito as pudesse animar alternativamente, haveria, como conseqüência, uma identidade de natureza, traduzindo-se pela possibilidade da reprodução material.

A reencarnação, como os Espíritos a ensinam, se funda, ao contrário, na marcha ascendente da Natureza e na progressão do homem, dentro da sua própria espécie, o que em nada lhe diminui a dignidade. O que o rebaixa é o mau uso que ele faz das faculdades que Deus lhe outorgou para que progrida. Seja como for, a ancianidade e a universalidade da doutrina da metempsicose e, bem assim, a circunstância de a terem professado homens eminentes provam que o princípio da reencarnação se radica na própria Natureza. Antes, pois, constituem argumentos a seu favor, que contrários a esse princípio.

O ponto inicial do Espírito é uma dessas questões que se prendem à origem das coisas e de que Deus guarda o segredo.

Dado não é ao homem conhecê-las de modo absoluto, nada mais lhe sendo possível a tal respeito do que fazer suposições, criar sistemas mais ou menos prováveis. Os próprios Espíritos longe estão de tudo saberem e, acerca do que não sabem, também podem ter opiniões pessoais mais ou menos sensatas.

É assim, por exemplo, que nem todos pensam da mesma forma quanto às relações existentes entre o homem e os animais.

Segundo uns, o Espírito não chega ao período humano senão depois de se haver elaborado e individualizado nos diversos graus dos seres inferiores da Criação. Segundo outros, o Espírito do homem teria pertencido sempre à raça humana, sem passar pela fieira animal. O primeiro desses sistemas apresenta a vantagem de assinar um alvo ao futuro dos animais, que formariam então os primeiros elos da cadeia dos seres pensantes. O segundo é mais conforme a dignidade do homem e pode resumir-se da maneira seguinte:

As diferentes espécies de animais não procedem intelectualmente umas das outras, mediante progressão. Assim, o espírito da ostra não se torna sucessivamente o do peixe, do pássaro, do quadrúpede e do quadrúmano. Cada espécie constitui, física e moralmente, um tipo absoluto, cada um de cujos indivíduos haure na fonte universal a quantidade do princípio inteligente que lhe

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo XI)

seja necessário, de acordo com a perfeição de seus órgãos e com o trabalho que tenha de executar nos fenômenos da Natureza, quantidade que ele, por sua morte, restitui ao reservatório donde a tirou. Os dos mundos mais adiantados que o nosso (ver nº 188) constituem igualmente raças distintas, apropriadas às necessidades desses mundos e ao grau de adiantamento dos homens, cujos auxiliares eles são, mas de modo nenhum procedem das da Terra, espiritualmente falando. Outro tanto não se dá com o homem. Do ponto de vista físico, este forma evidentemente um elo da cadeia dos seres vivos; porém, do ponto de vista moral, há, entre o animal e o homem, solução de continuidade. O homem possui, como propriedade sua, a alma ou Espírito, centelha divina que lhe confere o senso moral e um alcance intelectual de que carecem os animais e que é nele o ser principal, que preexiste e sobrevive ao corpo, conservando sua individualidade. Qual a origem do Espírito? Onde o seu ponto inicial? Forma-se do princípio inteligente individualizado? Tudo isso são mistérios que fora inútil querer devassar e sobre os quais, como dissemos, nada mais se pode fazer do que construir sistemas. O que é constante, o que ressalta do raciocínio e da experiência é a sobrevivência do Espírito, a conservação de sua individualidade após a morte, a progressividade de suas faculdades, seu estado feliz ou desgraçado de acordo com o seu adiantamento na senda do bem e todas as verdades morais decorrentes deste princípio. Quanto às relações misteriosas que existem entre o homem e os animais, isso, repetimos, está nos segredos de Deus, como muitas outras coisas, cujo conhecimento atual nada importa ao nosso progresso e sobre as quais seria inútil determo-nos.

Crônicas e Artigos

340 – 01/12/2013

O Consolador – (André Luiz Alves Jr)

O Espiritismo e a metempsicose

III. Metempsicose

Outro dia, me atentei a ouvir a explanação de um sacerdote católico com relação a imortalidade da alma.

Para fazer-se entender, o representante da igreja romana citou diversas religiões, elencando o que cada uma delas defendia.

Ao mencionar o Espiritismo, explicou que a doutrina codificada por Allan Kardec se fundamenta na reencarnação.

Até aí tudo bem; entretanto, ele foi mais além e afirmou que a reencarnação deriva da primitiva teoria de metempsicose. O que não é verdade.

A teoria da metempsicose (do grego: meta: Além de: em +psiquê: alma), surgiu nas civilizações antigas (Egito, Grécia e Roma) e fora bastante difundida por alguns dos grandes filósofos da humanidade, como Pitágoras e Platão.

De uma maneira geral essa expressão representa a transmigração da alma.

O Espírito troca de corpo a cada vez que este perece, podendo inclusive ocupar um corpo físico de um animal ou um vegetal.

Essa teoria ainda hoje é sustentada por algumas religiões (Budismo e Hinduísmo).

Já a reencarnação (do latim in carnare: fazer-se carne), apesar de partir do mesmo princípio, possui outro significado.

Reencarnar é dizer que a alma pode retornar em outro corpo carnal, sem qualquer semelhança com o antigo.

A grande diferença entre esses conceitos é que a metempsicose defende a possibilidade do retorno da alma em outras condições que não seja a humana e para a reencarnação isto não é plausível.

Allan Kardec trata do assunto em o “Livro dos Espíritos”:

611. A comunhão de origem dos seres vivos no princípio inteligente não é a consagração da doutrina da metempsicose?

Duas coisas podem ter a mesma origem e não se assemelham em nada mais tarde. Quem reconheceria a árvore, suas folhas, suas flores e seus frutos no germe informe que se contém na semente de onde saíram? No momento em que o princípio inteligente atinge o grau necessário para ser Espírito e entrar no período de humanidade, não tem mais relação com o seu estado primitivo e não é mais a alma dos animais, como a árvore não é a semente.

No homem, somente existe do animal o corpo, as paixões que nascem da influência do corpo e os instintos de conservação inerente à matéria.

Não se pode dizer, portanto, que tal homem é a encarnação do Espírito de tal animal e, por conseguinte, a metempsicose, tal como a entendem, não é exata.

612. O Espírito que animou o corpo de um homem poderia encarnar-se num animal?

Isso seria retrogradar, e o Espírito não retrógrada.

O rio não remonta à nascente. (Ver item 118.)

613. Por mais errônea que seja a ideia ligada à metempsicose, não seria ela o resultado do sentimento intuitivo das diferentes existências do homem?

Reconhecemos esse sentimento intuitivo nessa crença como em muitas outras; mas, como a maior parte dessas ideias intuitivas, o homem a desnaturou.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo XI)

Ainda segundo o Espiritismo, Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas. A partir dele, primeiramente, e de outros dois princípios (espírito e matéria), forma-se tudo que constitui o universo.

É o que conhecemos como trindade universal (Deus, Espírito e Matéria).

Entre a matéria e o espírito encontra-se o fluido cósmico universal, que anima os reinos existentes (mineral, vegetal e animal); à medida, em que esse fluido se desenvolve, o princípio inteligente (espírito) se estabelece.

“O fluido cósmico universal é a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da Natureza.”

(A Gênese, cap. XIV, itens 2 a 6.)

Toda a criação de Deus está submetida à marcha do progresso, podendo permanecer estacionada por um período transitório, entretanto, jamais retrocede.

Por esse motivo, a teoria de metempsicose não se encaixa nos princípios do Espiritismo.

Retornar a um corpo animal ou vegetal seria retroagir a condições primárias de evolução.